26°ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 6 – Informação, Educação e Trabalho

MOTIVAÇÕES, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DA ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NA BIBLIOTERAPIA

MOTIVATIONS, CHALLENGES, AND CONTRIBUTIONS OF LIBRARY WORK IN BIBLIOTHERAPY

Katty Anne de Souza Nunes – Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas (SES-AM)
Jucieldo Ferreira Alexandre – Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Arysa Cabral Barros – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O campo de atuação das pessoas bibliotecárias tem se mostrado cada vez mais versátil, e a biblioterapia surge como uma dessas possibilidades de trabalho. Trata-se de uma prática que utiliza a leitura como instrumento de promoção da saúde e do bem-estar, desempenhando um papel transformador na vida pessoal e profissional tanto de quem realiza a mediação quanto de quem participa dos encontros. Os profissionais que atuam com a biblioterapia pertencem a diferentes áreas do conhecimento; entretanto, a Biblioteconomia tem assumido um protagonismo significativo nesse campo. Nesse contexto, o artigo, que faz parte da dissertação 'Trilhares da Biblioterapia pelo Brasil: memória de profissionais em movimento', objetiva apresentar um recorte que trata da atuação da pessoa bibliotecária nas práticas de biblioterapia desenvolvidas pelo Brasil. A metodologia adotada possui abordagem quali-quantitativa, com coleta de dados realizada por meio de questionário online, utilizando-se o método "bola de neve". Como resultado, obtivemos 47 pessoas bibliotecárias respondentes do formulário e, posteriormente, os dados foram analisados com base na proposta de Minayo (2012). O estudo possibilitou ampliar a compreensão da biblioterapia como um campo de atuação inter e multidisciplinar, além de evidenciar motivações, desafios, contribuições acadêmicas e outras nuances relevantes para o fortalecimento da prática e para a reflexão sobre seu futuro.

Palavras-chave: Prática bibliotecária; biblioterapia; biblioterapia no Brasil.

Abstract: The personal and professional lives of both those who facilitate the sessions and those who participate in them. Professionals working with bibliotherapy come from different fields of knowledge; however, Library and Information Science has assumed a significant leading role in this field. In this context, this article, which is part of the dissertation *"Trilhares da Biblioterapia pelo Brasil: memória de profissionais em movimento"*, aims to present an analysis focusing on the role of librarians in bibliotherapy practices developed across Brazil. The methodology adopted a qualitative and quantitative approach, with data collected through an online questionnaire using the snowball sampling method. As a result, 47 librarians

responded to the questionnaire, and the data were subsequently analyzed based on Minayo's (2012) methodological framework. The study contributed to expanding the understanding of bibliotherapy as an interdisciplinary and multidisciplinary field of practice, while also highlighting motivations, challenges, academic contributions, and other relevant dimensions that may strengthen the practice and foster reflection on its future.

Keywords: librarian practice; bibliotherapy; bibliotherapy in Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A atuação bibliotecária historicamente enfrentou barreiras de percepção social devido à forte associação da profissão ao espaço físico da biblioteca e ao livro como suporte material. Barbosa (1998) alerta que essa visão restritiva gera uma espécie de "miopia mercadológica", uma vez que o verdadeiro núcleo de atuação da área é a informação e não os livros em si. Sob essa nova perspectiva, práticas como a biblioterapia ganham espaço ao deslocar o foco do armazenamento de acervos para o uso dinâmico da leitura com potencial terapêutico. Assim, se torna uma pessoa mediadora de experiências subjetivas e de cuidado por meio da palavra escritas ou narradas.

A biblioterapia constitui um campo de análise complexo, cujas nuances permeiam tanto sua dimensão prática quanto seu desenvolvimento teórico. Questões relacionadas às definições, conceituações, formas de aplicação, materiais utilizados, públicos participantes e benefícios alcançados evidenciam a diversidade de entendimentos e abordagens existentes.

Embora seja uma prática relativamente recente em termos de sistematização, observação e produção científica, com registros que datam de meados de 1910 - 1918, suas bases e possibilidades de atuação têm sido continuamente ampliadas. Para Clarice Caldin (2001, p. 36), a biblioterapia é: "[...] leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios [...]".

Mesmo com seus avanços no tempo, ainda há alguns pontos que suscitam discussões no trabalho com a prática, principalmente quando realizada no campo da Biblioteconomia, seja pelo receio na hora da aplicação, pela defesa de que profissionais da Biblioteconomia só podem atuar em parceria com profissionais da saúde, ou até mesmo, falas sobre a prática não poder ser executada pela pessoa bibliotecária (só como auxiliar do processo), Ferreira (2003) e Bentes Pinto (2005).

Entretanto, a produção científica sobre a temática tem se destacado de forma significativa na área da Biblioteconomia, conforme demonstram os estudos de caráter

bibliográfico desenvolvidos por Alexandre Magno da Silva (2005), Lucas Veras de Andrade e Ana Caroline Oliveira da Silva (2018), Mariza Inês da Silva Pinheiro e Daniela Duarte Ramires (2020), Ítalo Henriqson Marques e Renata Braz Gonçalves (2021), Valdemir Bezerra da Silva E Janaína da Silva Gonçalves Fernandes (2023), Leila Rosângela Grieger (2021) e Livia Rezende Ladeia e Jéssica Bedin (2023). Além disso, os estudos analisados apontam as pessoas bibliotecárias como protagonistas das ações relacionadas à biblioterapia, seja por meio de iniciativas individuais, seja em colaboração com profissionais das áreas da Educação, Psicologia, Medicina, Enfermagem e Serviço Social (Gadelha e Tanus, 2019). Diante desse cenário, apresenta-se a seguinte **questão norteadora**: como ocorre a atuação de bibliotecárias e bibliotecários que desenvolvem práticas de biblioterapia pelo Brasil?

Para responder a essa indagação, estabeleceu-se como **objetivo geral** apresentar a prática da biblioterapia no Brasil a partir das narrativas de profissionais da Biblioteconomia atuantes na área. Como **objetivos específicos**, buscou-se: a) discutir os aspectos teóricos e conceituais da biblioterapia enquanto prática profissional no âmbito da Biblioteconomia; b) mapear o panorama da biblioterapia no país por meio da caracterização do perfil dos profissionais da Biblioteconomia que desenvolvem essa prática; e c) analisar as ações realizadas, as motivações e os principais desafios enfrentados no exercício da biblioterapia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Biblioteconomia, enquanto campo de organização e representação da informação, tem sua trajetória marcada por transformações que acompanham as demandas de cada época. Se, por séculos, a profissão esteve associada predominantemente ao espaço físico da biblioteca e ao livro como suporte material, as últimas décadas assistiram a uma reconfiguração significativa desse horizonte.

Barbosa (1998) já alertava que essa visão restritiva produz uma espécie de "miopia mercadológica", uma vez que o verdadeiro núcleo da área é a informação e não os objetos que a materializam. É justamente a partir dessa abertura que práticas como a biblioterapia passam a ganhar legitimidade e visibilidade no campo.

> Mas ainda no final do século XIX surgiram também manifestos e iniciativas que evocavam mudanças no modo de se conceberem as bibliotecas. Adjetivos como “viva”, “dinâmica” e “ativa” começam a ser usados para apontar a direção de uma necessária mudança a ser operada nestas instituições de modo a se combater sua inércia e seu fechamento sobre si mesmas, seu isolamento do conjunto geral da sociedade. Assim se desenvolveram as teorias funcionalistas da Biblioteconomia, ao longo do século XX (Araújo, 2017, p. 70).

Com base em Araújo (2017), essa virada funcionalista, consolidada ao longo do século XX, colocou o sujeito informacional (o usuário, o leitor, a comunidade) no centro das práticas bibliotecárias. No entanto, o autor nos convida a pensar em novos caminhos de atuação profissional, mais atentos às necessidades humanas e sociais contemporâneas.

É justamente nesse contexto de redimensionamento que a **biblioterapia** se apresenta como uma possibilidade concreta e potente. Situada numa fronteira interdisciplinar, a prática demanda da pessoa bibliotecária um conjunto ampliado de competências que dialogam com áreas como Psicologia, Pedagogia e Saúde Coletiva.

A própria etimologia da palavra já anuncia essa abertura: Ouaknin (1996) nos apresenta sua origem nos termos gregos *biblio* (livro, tableta para escrever) e *therapia* (ato de curar), significando, portanto, terapia ou cuidado por meio dos livros. Entretanto, é praticamente consensual entre pesquisadores e praticantes que essa definição, por si só, não é suficiente para abarcar a amplitude da prática, que expandiu seus horizontes, diversificou os espaços de execução, ampliou os perfis profissionais envolvidos, as formas de condução das atividades e até os materiais utilizados.

Para Caldin (2001, p. 36), a biblioterapia é "[...] leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios [...]". A autora enfatiza ainda o uso do material literário por desenvolver a criatividade, tão necessária nestes encontros, além de permitir, por meio das metáforas, que os participantes possam acessar camadas mais profundas de si mesmos e assim se reinventar. Nesse processo, a pessoa mediadora desenvolve uma escuta afetiva, buscando compreender as necessidades dos participantes e transformando o ato de ler em uma intervenção de cuidado.

No Brasil, os primeiros relatos sobre biblioterapia surgiram por volta de 1975, especialmente em atividades desenvolvidas em hospitais (Silva, 2005). Desde então, a prática tem ampliado sua presença tanto em espaços profissionais quanto em ambientes de formação acadêmica. Passou a integrar a estrutura curricular de cursos de Biblioteconomia, como na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entre 2003 e 2019 (Caldin, 2024), e na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), de 2018 até os dias atuais (UNIR, 2018), ambas com oferta presencial.

Destaca-se também a oferta obrigatória na modalidade de Educação a Distância pelo Claretiano, prevista em seu Projeto Político Pedagógico desde 2017 (Claretiano, 2017, 2021),

e a experiência da Universidade Federal do Ceará (UFC), que entre 2021 e 2023 incorporou conteúdos de biblioterapia à disciplina Teoria e Prática da Leitura (Sousa; Cavalcanti, 2024). Em 2021, a prática alcança o nível da Pós-Graduação Lato Sensu, com o curso de Pós-Graduação em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária, ofertado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) (Grieger, 2021). Mais recentemente, em setembro de 2025, foi fundada a Associação Brasileira de Biblioterapia (ABB), marco que confere à prática uma institucionalidade inédita no país.

Esse movimento de expansão acadêmica e profissional tem atraído um número crescente de pessoas interessadas em estudar a temática; pesquisadoras, mediadoras e participantes que reconhecem e vivenciam o potencial terapêutico da literatura. A produção científica gerada nesse percurso também é expressiva, com estudos bibliográficos desenvolvidos por Silva (2005), Andrade e Silva (2018), Pinheiro e Ramires (2020), Marques e Gonçalves (2021), Grieger (2021) e Ladeia e Bedin (2023) que apontam, consistentemente, as pessoas bibliotecárias como protagonistas das ações relacionadas à biblioterapia, seja por meio de iniciativas individuais, seja em colaboração com profissionais das áreas de Educação, Psicologia, Medicina, Enfermagem e Serviço Social (Gadelha; Tanus, 2019).

Ainda que esse protagonismo seja crescente, existem tensões que persistem no campo. Algumas vozes defendem que profissionais da Biblioteconomia só podem atuar em parceria com profissionais da saúde, ou que a prática não poderia ser executada pela pessoa bibliotecária de forma autônoma, cabendo-lhe apenas um papel auxiliar no processo (Ferreira, 2003; Bentes Pinto, 2005). Essas tensões, longe de serem apenas epistemológicas, reverberam diretamente nas condições de trabalho, na remuneração e na legitimação social da prática, questões que este artigo também busca iluminar a partir das narrativas dos próprios profissionais. Como observa Silva (2005, p. 25):

> [...] historicamente a experiência do uso de Biblioterapia dependeu da articulação do conhecimento de diferentes áreas de conhecimento [...] seu presente depende dela e, fundamentalmente, o seu futuro dependerá tendo em vista que os fenômenos e processos que são objetos de intervenção biblioterapia pertencem a diferentes campos.

Dessa forma, compreender a biblioterapia como campo de atuação da pessoa bibliotecária é, portanto, reconhecer que a Biblioteconomia sempre esteve atravessada por uma dimensão humana. Quando a pessoa bibliotecária assume o papel de mediadora de leitura com intencionalidade terapêutica, ela não abandona sua identidade profissional, ao contrário, a expande. Ela mobiliza saberes construídos na formação, na escuta, na curadoria

de textos e na compreensão das necessidades informacionais dos sujeitos, ressignificando-os em favor do cuidado.

Não se trata de invadir territórios “de outros”, mas de habitar, com competência e responsabilidade ética, um espaço que a própria trajetória da área foi construindo ao longo do tempo. É nesse sentido que a biblioterapia não representa uma ruptura com a Biblioteconomia, mas uma prática de informação, mediada pela literatura, que encontra o sujeito onde ele mais precisa: no cuidado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método científico resulta da investigação metódica e sistemática da realidade, seguindo aplicações de análises, classificações e comparações. Logo, em diálogo com as concepções de Minayo (2008, p. 9), “A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva”. O que significa que não está acabada em si, finalizada em uma verdade absoluta, apenas em aproximações da verdade (Bachelard, 2004), que obedecem a tempo, espaço e recorte.

Ao buscarmos compreender como a biblioterapia tem sido entendida e aplicada por profissionais da Biblioteconomia pelo Brasil, adotamos a abordagem **quanti-qualitativa**, por entender que essa articulação potencializa a análise e o entendimento dos fenômenos estudados, visando captar tanto a amplitude de alguns dados quanto a profundidade do fenômeno, dentro do recorte de pessoas que conseguimos alcançar.

Trata-se ainda de um estudo de caráter **descritivo**, por considerar as afirmações de Gil (2008) ao dizer que essas são pesquisas que têm por objetivo estudar as características de um grupo em suas várias nuances (idade, sexo, escolaridade etc.), assim como pretendem saber opiniões, atitudes e crenças de um grupo.

Para coleta de dados, utilizamos um **questionário online**, criado e armazenado no *Google Forms*, composto por uma série de 26 perguntas, abertas e fechadas, divididas em 4 blocos. O link de acesso foi divulgado em grupos de *WhatsApp* (existem alguns grupos criados para se discutir a temática devido à proporção que a biblioterapia tem tomado atualmente) e individualmente nos e-mails de pessoas que publicaram artigos sobre a temática, estes foram coletados em livros e artigos e compuseram um banco de contatos criado durante a pesquisa.

A aplicação do instrumento ocorreu entre os dias 15 de julho a 12 de agosto de 2023, e as pessoas respondentes foram convidadas a chamar outras pessoas envolvidas com a

temática. Nesse momento entrou em cena o método Bola de Neve, que Bernard (2005 *apud* Vinuto, 2014, p. 204) descreve como sendo "[...] um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (*Hard-to-find or hard-to-study populations*) ou que não há precisão sobre sua quantidade."

Destacamos que por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos e de conteúdo que podem ser sensíveis, ela foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri CEP/UFCA e teve aprovação pelo Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 78037924.0.0000.5698.

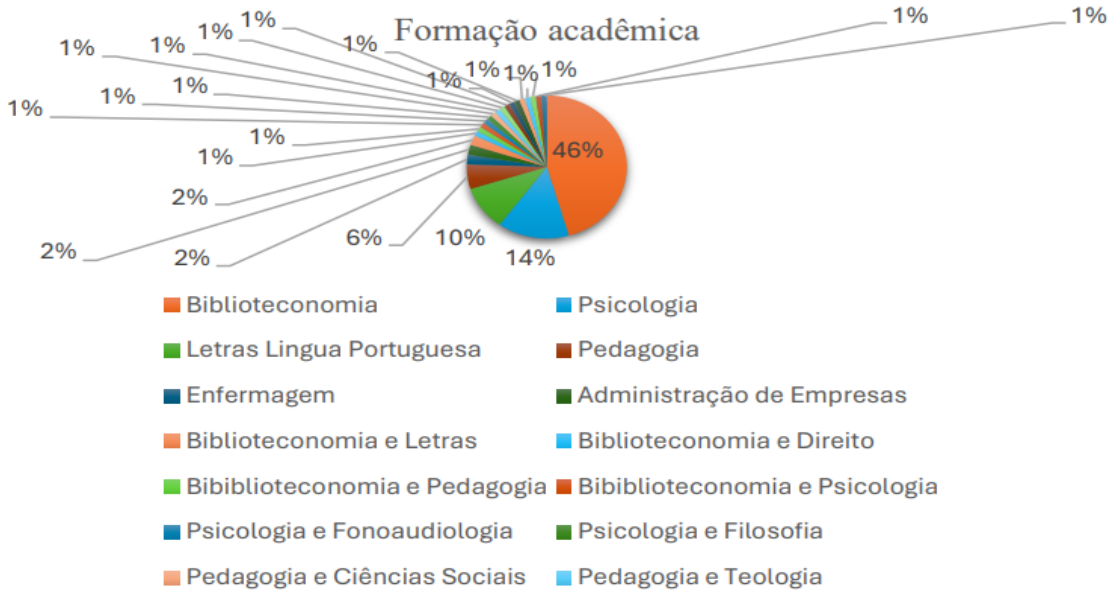
Sobre os dados coletados, obtivemos 93 respondentes, três delas tiveram suas respostas descartadas pelo fato de não pesquisarem e nem atuarem com a biblioterapia. Assim, ressaltamos que o universo da pesquisa, isto é, na dissertação, totalizou 90 participantes, deste resultado recortamos **47 respostas de pessoas bibliotecárias** para integrarem este trabalho.

Na análise dos dados, para as perguntas fechadas, utilizamos a estatística descritiva, que foca em resumir e descrever os dados de uma forma que seja compreensível, aproveitando o emprego de medidas como média, moda, mediana, gráficos e tabelas para representar as características principais das informações que se apresentam. Para descrever as perguntas abertas, foi usada a análise qualitativa de Minayo (2012) que nos permitiu definir os cinco eixos analíticos emergentes dos dados, a saber: 1) reconhecimento e legitimação da prática; 2) precarização profissional; 3) especificidades do público; 4) formação continuada; e 5) tensões institucionais e interdisciplinares.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão do panorama da biblioterapia no Brasil passa, fundamentalmente, pela identificação e mapeamento de quem são as pessoas que colocam essa prática em ação. Para caracterizar esse perfil e compreender a inserção dos profissionais da Biblioteconomia nessa área, investigamos a formação acadêmica inicial dos participantes da pesquisa (dissertação). Os achados revelam a composição detalhada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Formação acadêmica das pessoas participantes da pesquisa



Fonte: dados da pesquisa (2026).

O gráfico 1, nos apresenta a visão geral das 90 pessoas respondentes, das quais destacamos que **41** delas possuem graduação **somente em Biblioteconomia**. Quando o assunto são duas graduações teremos: duas **(2)** pessoas graduadas em **Biblioteconomia e Letras Língua Portuguesa**, também duas **(2)** com **Biblioteconomia e Pedagogia**, uma **(1)** pessoa com cada duas formações: **Biblioteconomia e Direito, Biblioteconomia e Psicologia**. Os dados do universo da pesquisa (dissertação), apontam que 52,22% das pessoas que atuam com biblioterapia são bibliotecárias. Silva e Fernandes (2023) afirmam, por meio dos dados coletados em seus estudos, que a Biblioterapia, em território nacional, não faz parte do currículo das Graduações, mas as iniciativas de professores(as) universitários(as), em especial do curso de Biblioteconomia permitem que os(as) discentes conheçam e experimentem a Biblioterapia, seja em projetos de extensão e/ou disciplinas optativas e de projetos de extensão e isso influencia no quantitativo de trabalhos publicados sobre Biblioterapia no campo da Biblioteconomia.

Consideramos, ainda, válido destacar as outras áreas do conhecimento que configuram esse panorama: Psicologia (13); Letras Língua Portuguesa (9); Pedagogia cinco (5), Enfermagem duas (2); Administração de Empresas duas (2). Das áreas que descreveremos temos o quantitativa de uma (1) pessoa respondente: Economia, Letras Língua Espanhola, Processamentos Gerenciais, Química, Filosofia, Ensino Médio, Pedagogia e História, Pedagogia

e Ciências Sociais, Pedagogia e Teologia, Psicologia e Fonoaudiologia, Psicologia e Filosofia, Matemática e Letras Língua Inglesa e, História e Direito.

Esse mosaico de saberes que compõem as práticas em biblioterapia evidencia a riqueza interdisciplinar do campo. A interdisciplinaridade é essencial para enfrentarmos os desafios tanto da prática quanto da pesquisa em biblioterapia. Trata-se de um campo de complexidades, onde uma única área não poderá trazer todas as respostas.

Quanto ao **gênero**[1], o panorama de respondentes contou com a **representação de 42 mulheres** e **cinco homens**. Tal distribuição evidencia que o trabalho biblioterapêutico é predominantemente feminino, padrão que se repete no perfil dos participantes das práticas e que encontra paralelo na própria Biblioteconomia, campo historicamente marcado pela feminização.

Cabe ressaltar que, embora cinco respondentes se identifiquem com o gênero masculino, observa-se um crescimento, ainda incipiente, mas significativo, de espaços coletivos voltados para homens, nos quais a biblioterapia tem sido utilizada como instrumento de acolhimento e expressão emocional. Tais iniciativas respondem a uma demanda social de grupos historicamente desencorajados de manifestar vulnerabilidades.

No que se refere às modalidades de realização dos encontros de biblioterapia, os dados indicam que: **63,4% dos respondentes realizam suas práticas exclusivamente de forma presencial**, **29,3% adotam formato híbrido** (presencial e online) e **7,3% atuam apenas online**. A predominância do formato presencial é coerente com a natureza relacional e experiencial da biblioterapia, que se apoia no encontro, na escuta e na troca entre os participantes. A presença de modalidade híbrida e exclusivamente online aponta, contudo, para uma adaptação da prática às possibilidades tecnológicas contemporâneas, ampliando seu alcance territorial.

As práticas fazem uso combinado de diferentes recursos, tanto na mediação da leitura quanto na intervenção pós-leitura. Os mais recorrentes nas respostas foram: livros, músicas, narrativas orais, pinturas/fotografias/ilustrações e vídeos. Os menos citados incluem escrita afetuosa, objetos temáticos, produções autorais dos participantes, dinâmicas, desenhos, pinturas, massinhas e aquarelas.

[1] O formulário apresentou a pergunta em formato aberto, para que cada participante ficasse livre para responder sua identificação, uma vez que gênero é uma construção social.

Com base nos dados da pesquisa, compreendemos que os espaços de atuação são igualmente diversificados, refletindo a amplitude da prática no território nacional. Identificamos registros de biblioterapia realizada em escolas públicas e privadas (Educação Básica e Educação Superior), bibliotecas universitárias, hospitais (e outros espaços voltados para saúde), Instituições de Longa Permanência para Idosos, creches, espaços terapêuticos comunitários, unidades prisionais e instituições de ensino técnico. Quanto a essa constatação, Grieger (2021, p. 30) diz que "[...] não são poucas as possibilidades para aplicar a Biblioterapia, basta ter sensibilidade, gostar de literatura e apreciar o contato com seres humanos. Também é importante saber escolher as técnicas de aplicação e adotar alguns cuidados necessários para o sucesso da atividade [...]".

O questionário também apresentou espaço aberto para que as pessoas pudessem relatar sobre o desenvolvimento das práticas, seus desafios e motivações. Os principais desafios relatados estruturam-se em torno de cinco eixos principais que serão detalhados a seguir. No que diz respeito ao **reconhecimento e legitimação**, o desconhecimento sobre o que é a biblioterapia aparece como obstáculo recorrente, especialmente em contextos escolares e comunitários, com base nas respostas: "[...] há uma confusão sobre o termo biblioterapia por quem não a conhece, sobretudo, na escola, não compreendem nossa atuação" (Resp. 3) e "O maior desafio é convencer as pessoas a participarem devido ao desconhecimento sobre a biblioterapia" (Resp. 25).

A **precarização profissional** emerge de forma direta em relatos que evidenciam a ausência de remuneração adequada como fator limitante da continuidade e da expansão das práticas: "Uma prática infelizmente não muito bem remunerada. Por isso, este ano só atendi convites [...]" (Resp. 38). A **dimensão financeira** articula-se, portanto, tanto à remuneração quanto ao acesso à formação especializada, configurando uma dupla barreira para profissionais em regiões com menor oferta de capacitação.

As **especificidades do público** aparecem como desafio especialmente quando se trata de adolescentes e grupos com demandas clínicas mais complexas, que exigem estratégias diferenciadas de mediação: "Tem sido muito desafiador no que se refere aos desdobramentos que essa prática traz principalmente quando aplicada em sala de aula" (Resp. 1) e "[...] Muitas pessoas estão tão agitadas nos últimos tempos que às vezes nem conseguem se desgrudar do celular durante o encontro [...]" (Resp. 21).

No eixo da **formação continuada,** a falta de estudos em áreas específicas e o sentimento de despreparo são reconhecidos pelos profissionais: “Realizei poucos encontros e sinto que me falta repertório” (Resp. 6) e "Há poucos estudos voltados para biblioterapia aplicada a autistas e, menos ainda, a autistas na fase da adolescência e fase adulta, de forma que o trabalho foi um projeto experimental no início” (Resp. 22).

Por fim, as **tensões institucionais e interdisciplinares** constituem um eixo de desafio que incide diretamente sobre a identidade profissional da Biblioteconomia que pratica biblioterapia, como apresenta: "O maior desafio foi provar, tanto na Academia quanto fora dela, que o bibliotecário não está invadindo seara alheia, pois executa biblioteconomia de desenvolvimento e não biblioterapia clínica” (Resp. 45).

Esses desafios, tomados em conjunto, apontam para a necessidade de políticas institucionais de valorização da biblioterapia, de ampliação da oferta de formação especializada em âmbito regional e de consolidação do debate sobre os limites e as especificidades da atuação bibliotecária nesse campo.

Um ponto que julgamos primordial é saber como esse trabalho tem sido executado em termos de remuneração, e nos deparamos com o seguinte cenário:

Tabela 1 - Os tipos de trabalhos com a biblioterapia

Como?	Quantidade
Voluntariado	13
Autônoma (remunerada) e voluntariado	3
No local de trabalho (assalariado)	11
No local de trabalho (assalariado) e Voluntariado	8
Autônoma (remunerada)	4
De forma autônoma (remunerada) e local de trabalho	1
Não se aplica	7

Fonte: dados da pesquisa (2026).

Diante desse cenário, emerge uma questão relevante para investigações futuras: em que medida o trabalho remunerado tem sido justo ou satisfatório, especialmente para quem atua de forma autônoma? Uma vez que recebemos respostas como: “Uma prática

infelizmente não muito bem remunerada. Por isso, este ano só atendi convites [...]" (Resp. 38) e "[...] a desconfiança da instituição com a prática, a falta de credibilidade e de conhecimento [...]" (Resp. 15), só para exemplificar.

Com base nas respostas, é importante reconhecer que o trabalho voluntário cumpre papel fundamental na disseminação da prática, dado o alto número de iniciativas dessa natureza. No entanto, ele não pode ser naturalizado como única forma de inserção profissional, em especial para aquelas pessoas que dependem economicamente da biblioterapia como atividade remunerada. A valorização do trabalho nesse campo implica, necessariamente, reconhecer sua dimensão profissional e garantir condições dignas de exercício.

Frente ao conjunto de desafios mapeados, cabe interrogar: quais motivações sustentam o engajamento com a prática da biblioterapia? separamos duas categorias para exemplificar os motivos:

Campo de atuação para a Biblioteconomia: "A biblioterapia é uma área que, embora pouco explorada pela Biblioteconomia no Brasil, tem muito a oferecer. A leitura é terapêutica e pode ajudar muitos indivíduos, caracterizando-se como uma terapia alternativa de grande potencial." (Resp. 23) e "Uma nova perspectiva para área, uma forma de atuar diferente e que mostra que estamos integrados com diferentes abordagens [...]" (Resp. 24).

Benefícios: "Levar qualidade de vida para as pessoas, contribuindo com o desenvolvimento pessoal a partir das histórias e das interação." (Resp. 9) e "Hoje temos um cenário onde as pessoas, mais do que nunca, estão necessitadas de acolhimento e escuta atenta e amorosa. As práticas da biblioterapia se mostram indispensáveis como uma forma alternativa desse acolhimento, de espaço de respiro, de sonho, de espaço aberto para a busca em manter a dignidade e a humanidade." (Resp. 11)

Percebemos nas falas que as motivações se articulam entre o desenvolvimento profissional e o compromisso social. De um lado, a prática é percebida como uma possibilidade de ampliação do campo de atuação da Biblioteconomia, e de outro, os benefícios proporcionados a quem participa dos encontros. Mostrando que mesmo diante dos desafios, a biblioterapia se mantém como uma prática significativa, capaz de atribuir sentido à atuação de quem com ela atua e de responder a demandas contemporâneas relacionadas à saúde, à humanização e ao cuidado com o outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora que orientou este estudo: “como ocorre a atuação de bibliotecárias e bibliotecários que desenvolvem práticas de biblioterapia pelo Brasil?”, encontrou, ao longo da análise, respostas plurais e reveladoras. O objetivo geral de apresentar a prática da biblioterapia a partir das narrativas de profissionais da Biblioteconomia foi alcançado por meio de um mosaico de vozes que descreveram contextos, estratégias, afetos e tensões vivenciados no exercício cotidiano da prática.

Em relação aos objetivos específicos, os aspectos teóricos e conceituais discutidos no referencial, a interdisciplinaridade da biblioterapia, sua trajetória no Brasil e as disputas em torno da legitimidade da atuação bibliotecária, encontraram eco direto nos relatos dos participantes, confirmando que as questões do campo acadêmico não estão dissociadas dos desafios enfrentados por quem pratica.

O perfil dos profissionais mapeados evidencia uma atuação majoritariamente feminina, distribuída por diferentes regiões do país e por contextos institucionais diversificados, o que demonstra a capilaridade que a biblioterapia já alcançou no território nacional. As motivações identificadas apontam para um engajamento com o potencial transformador da leitura, sustentado pelo desejo de cuidar, acolher e promover dignidade por meio da literatura.

Os desafios, por sua vez, revelam que o reconhecimento social da prática, a precarização das condições de trabalho e as tensões interdisciplinares ainda constituem obstáculos concretos a serem enfrentados, tanto no âmbito das políticas institucionais quanto na formação continuada dos profissionais. Juntos, esses elementos constroem um panorama que, longe de ser homogêneo, reflete a riqueza e a complexidade de um campo em expansão.

Cabe destacar que este artigo isola as 47 respostas de pessoas com formação em Biblioteconomia para aprofundar, especificamente, a discussão sobre o protagonismo bibliotecário no campo da biblioterapia. Assim, a contribuição própria deste texto está em situar esse subconjunto de dados dentro do debate teórico sobre a identidade e a legitimidade profissional da Biblioteconomia, evidenciando, por meio dos cinco eixos analíticos apresentados, tensões e potencialidades que, na dissertação, aparecem diluídas em um panorama interdisciplinar mais amplo.

Por fim, respeitando a complexidade e a pluralidade de formas de expressão da biblioterapia, espera-se que este estudo contribua para o fortalecimento do diálogo

interdisciplinar, para a consolidação da prática no campo bibliotecário e para o estímulo a novas investigações, afirmando a Biblioteconomia como área comprometida com a inter e a multidisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Veras de; SILVA, Ana Caroline Oliveira da. Cartografando o panorama da pesquisa em biblioterapia no Brasil: mapa produzido a partir do território da Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a Plataforma Lattes. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande do Sul, v. 32, n. 2, p. 68-97, 2018. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/FURG34e191e8192b67d fc97d9cee9c12e1d46 . Acesso em: 15 abr. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 68-79, 2017. Disponível em: https://revistas.usp.br/pbcib/article/view/257488 Acesso em: 15 abr. 2024.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ci/a/qjZbxJsXBjnq9kKrN76yfCM/?format=html&lang=pt. Acesso em: 05 jun. 2026.

BENTES PINTO, Virgínia. A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n.1, p. 31-34, 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3843/384334738003.pdf Acesso em: 12 nov. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Enc. Bibli**: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Santa Catarina, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32 . Acesso em: 23 abr. 2024.

CLARETIANO – CENTRO UNIVERSITÁRIO. **Projeto político-pedagógico**. Batatais, SP: Claretiano, 2017.

CLARETIANO – CENTRO UNIVERSITÁRIO. **Projeto político-pedagógico**. Batatais, SP: Claretiano, 2021.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-47, 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620/635 . Acesso em: 13 jan. 2023.

GADELHA, Jessica da Silva; TANUS, Gabrielle Francinne de S.C. Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). **Ci. Inf. Rev**., Alagoas, v. 6, n. 1, p. 159-176, 2019. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br/download/113712 Acesso em: 09 abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIEGER, Leila Rosângela. **Biblioterapia no Brasil**: um panorama da produção científica no século XXI. 2021, 156 f. Monografia (graduação em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a2a0.pdf . Acesso em: 20 abr. 2024.

LADEIA, Livia Rezende; BEDIN, Jéssica. Panorama da pesquisa em biblioterapia no Brasil: análise dos artigos indexados na BRAPCI (2018 a 2022). **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Santa Catarina,nv. 28, n. 4, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2070 . Acesso em: 10 abr. 2024.

MARQUES, Ítalo Henriqson; GONÇALVES, Renata Braz. Biblioterapia pediátrica: análise quali-quantitativa da produção em artigos, teses e dissertações brasileiros (1975-2019). **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Santa Catarina, v. 26, n. 1, p. 1-29, 2021. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1729. Acesso em: 11 abr. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQh NzG5NmpGBtNMFf/ . Acesso em: 15 jan. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2008.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolas Niymi. São Paulo: Loyola, 1996.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva; RAMIRES, Daniela Duarte. Biblioterapia: das dissertações e teses aos cursos de Biblioteconomia no Brasil. **Ci. Inf. Rev**., Alagoas, v. 7, n. 1, 153-167, 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8043. Acesso em: 08 abr. 2024.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. Orientador: Silvio Paulo Botomé. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101729 . Acesso em: 26 abr. 2024.

SILVA, Valdemir Bezerra; FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves. Biblioterapia no Brasil: revisão integrativa de literatura de 2019 a 2021. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 28, n. 4, p. 1–19, 2023. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2005. Acesso em: 05 jan. 2025.

SOUSA, Laiana Ferreira de; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A biblioterapia como estratégia de promoção do bem-estar socioemocional na universidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória, **Anais [...].** Vitória, ES: ANCIB, 2024. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/1036 Acesso em: 20 abr. 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977. Acesso em: 20 abr. 2020.